





PROPOSIÇÕES IMAGÉTICAS

POÉTICAS FOTOGRÁFICAS NO ENSINO DA ARTE

CAMILLA FIDELIS

PROPOSIÇÕES IMAGÉTICAS:
Poéticas fotográficas no ensino de Arte

Trabalho final, apresentado a Universidade Federal de Minas Gerais, como parte das exigências para obtenção do título de licenciatura em Artes Visuais, sob orientação da professora Patrícia de Paula, e coorientação da professora Patrícia Azevedo.



*Ao Benjamin,
que me ensinou que o sorriso de uma criança
faz tudo valer a pena.*

Os caminhos nem sempre se fazem em linha reta e foram nas suas tortuosidades que encontrei pessoas que se tornaram apoio, ouvidos, colos, cafunés, aconchego, paciência, força, incentivo, ombros, alimentos e palavras que me faltavam em sua completude. A todos vocês, meu **agradecimento** mais que especial, de coração!

tempo

az

avras

empo

rsistir

persistir

avras

palavras

palavras

poesia

palavras

tempo

artes plásticas

percurso

memória

criança

palavras

tempo

palavras

palavras

palavras

percurso

palavras

palavras

palavras

palavras

tempo

percurso

palavras

palavras

cores

percurso

persistir

palavras

tempo

percurso

palavras

palavras

palavras

palavras

per

palavras

palavras

tempo

tempo



*o tempo
entre o sopro
e o apagar da vela*

- Paulo Leminski



Uma criança, monóculos com fotografias de família e a curiosidade de saber como aquelas imagens eram formadas.

Esse foi o ponto de partida.

Curiosidade, uma palavra que define a razão de muitas escolhas em minha vida. Na fotografia não foi diferente. Sempre me intrigou o processo de formação de imagens através de uma câmera fotográfica, como à época imaginava ser o único meio que possibilitava surgir uma representação concreta, real e fiel à realidade observada. Minha mãe tinha uma câmera de filme Trip 35mm, que foi comprada com seu primeiro salário, e na qual as fotos da minha infância e de minhas irmãs foram tiradas. Recordações que estão preservadas, há mais de trinta anos, com imenso carinho e cuidado nos álbuns que ela guarda em casa. Ainda criança experimentei, por certo, aquele clique que era como um desabrochar dos olhos para a janela do pequeno visor daquele aparelho. As imagens do mundo que eu observava estavam também presentes em perspectivas outras, tais como: desenhos, histórias contadas com desenhos de palavras, poemas



1

e cartas trocadas com amigas que revelavam anseios e desejos, os quais jamais poderiam ser revelados. A câmera fotográfica que finalmente pude chamar de “minha” veio apenas na fase adulta, não sem ajuda dos meus familiares. O interesse pela fotografia desdobrou-se por meio da Arte e de referências artísticas, de fotógrafos(a)s e teóricos. Com o fluir desse percurso, cheguei às Artes Visuais, onde ela foi se tornando veementemente protagonista dos meus trabalhos autorais. O sentido que buscava para aquele sentimento de capturar os instantes especiais e torná-los memórias sempre presentes através de imagens encontrou sua morada ali.

Luz, princípio de toda formação de imagem fotográfica.
Segundo Barthes,

“tecnicamente, a Fotografia está no entre cruzamento de dois processos inteiramente distintos: um é o de ordem química: trata-se da ação da luz sobre certas substâncias; o outro é de ordem física: trata-se da formação da imagem através do dispositivo óptico”.¹

Há também a ideia dessa imagem de dois pontos de vista diferentes: a de quem é observado e daquele que observa. Como reitera Barthes:

“Parecia-me que a Fotografia do Spectator descendia essencialmente, se é possível assim dizer, da revelação química do objeto (cujos raios recebo com atraso) e que a Fotografia do Operator estava ligada, ao contrário, à visão recortada pelo buraco da fechadura da camara obscura.”²

De outra forma ainda, antes da fotografia acontecer, há primeiramente: o olhar e a imaginação. A percepção de uma cena e o desejo de eternizá-la e registrá-la revelam sua origem motivadora. Para Caputo,

“muitas vezes, há que se mudar o modo como se olha para conseguirmos ver e, enfim, reparar. Isso serve tanto para uma boa fotografia, como bem ensina Arthur Omar, como para uma boa pesquisa, como ensinam Pierre Bourdieu e Norbert Elias”.³

Nesse contexto, a partir das experiências vivenciadas durante o curso, irei propor práticas poéticas fotográficas, as quais apresento na última parte deste trabalho.

A ideia de ser professora de arte se torna muito mais interessante na condição de professora artista, pois é na Arte e no fazer artístico que está o princípio do desejo pelo processo da descoberta. O fazer não está dissociado do ensino-aprendizagem e deve caminhar ao lado da teoria e prática como recursos didáticos.

na saída

nem na chegada

"O real não está

na saída

na saída

nem na chegada

na saída

"O real não está

na saída

na saída

nem na chegada

na saída

ele se dispõe pra gente

nem na chegada

"O real não está

na saída

na saída

ele se dispõe pra gente

"O real não está

na saída

na saída

"O real não está

na saída

ele se dispõe pra gente

na saída

na saída

na saída

nem na chegada

é no meio da travessia."

"O real não está

é no meio da travessia."

nem na chegada

nem na chegada

nem na chegada

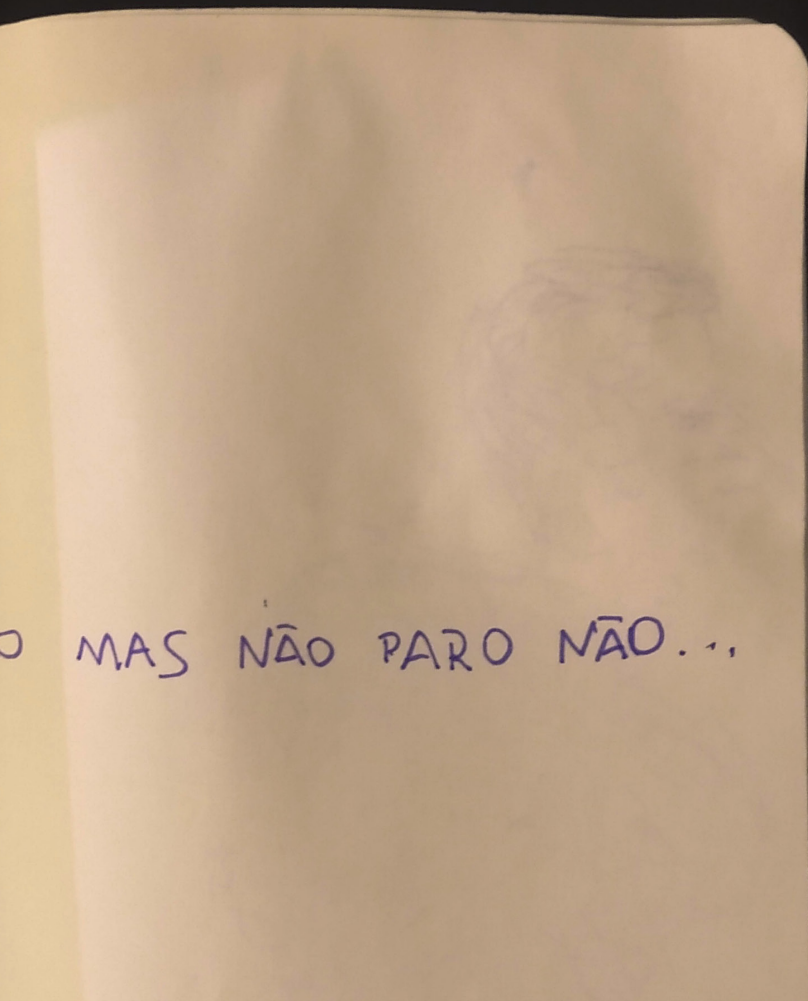
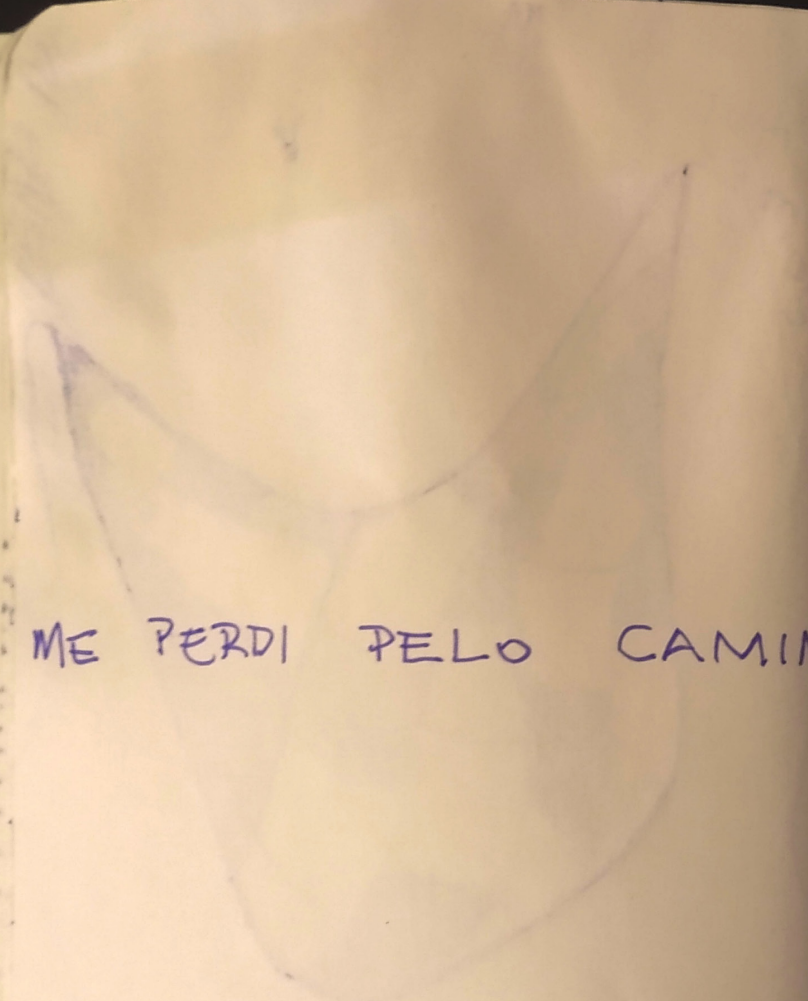
Guimarães Rosa

nem na chegada

"O real não está

na saída

é no meio da travessia."



ME PERDI PELO CAMINHO MAS NÃO PARO NÃO...

EXPERIÊNCIAS DO CURSO

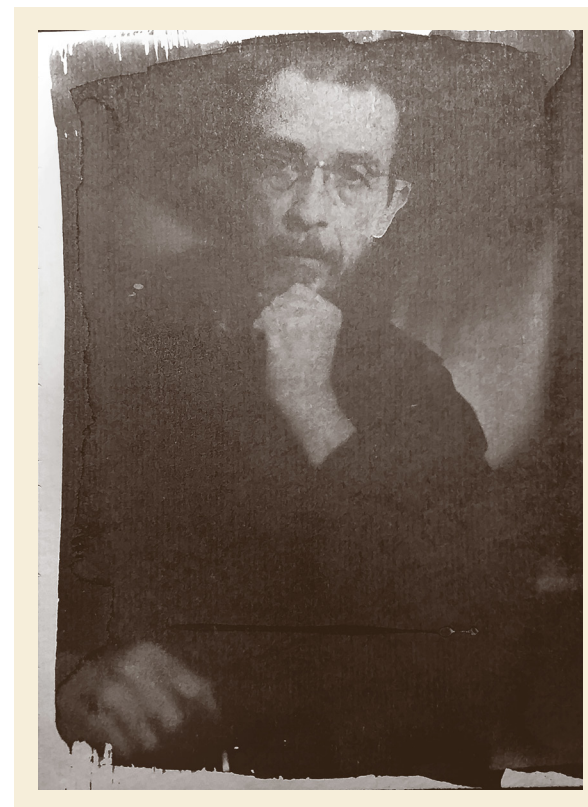
A fotografia esteve presente ao longo de todo meu processo no curso. Temos na Escola de Belas Artes a oportunidade de contar com vários professores qualificados na área e que ofertam diversas matérias em multiplicidade de desdobramentos fotográficos, sejam eles digitais ou de base química, teóricos ou práticos, por meio dos quais possibilitam uma produção autoral.

Logo no início, em Fotografia Básica, desenvolvi meus primeiros projetos fotográficos. Pensar o tema, desenvolver uma ideia a partir dele, trabalhar a fotografia dentro de uma concepção artística e pensar expo-graficamente como seria a materialização dessa produção em diálogo com o espaço.

Apreendi muito conteúdo, trocas, saberes e fazeres na arte da fotografia e de outra forma também voltada para o lado profissional nos cursos de extensão: o uso dos softwares, como aplicá-los na edição de imagens, suas práticas no uso cotidiano e nos serviços a serem contratados pela sociedade. A boa notícia é que consegui alguns trabalhos como fruto desse conhecimento, como restauração de fotos digitais e fotografia de eventos, as quais, inevitavelmente, utilizam a edição como recurso auxiliar.

Ao trabalhar com fotos antigas, percebi como o significado daquelas imagens ocupou outro lugar que não havia notado até então. Resgatei, a partir daí, a dimensão da fotografia como

memória.



2



3

Segundo Bachelard (1988, p.94), “a memória é um campo de ruínas psicológicas, um amontoado de recordações. Toda nossa infância está por ser reimaginada.” Ou mesmo como o velho ditado popular nos diz: “quem conta um conto aumenta um ponto”.

Assim como nos confirma DUBOIS, 2003, p.30, “fotografar é um auxílio da memória, um simples testemunho de que foi.” A fotografia, dentre as inúmeras facetas que lhe cabem, também faz parte desse lugar de registro, que está em guardar os momentos, congelando um pedaço do tempo ali, naquela pequena caixa. A imagem produzida traz seu sentido com o **tempo** que carrega em si: esse pequeno fragmento que une o passado e o presente, sempre atual.

Foi Roland Barthes, na escritura que desejava ser a extensão do contato com o corpo da mãe, que nos disse: “Vivo a Fotografia e o mundo de que ela faz parte de acordo com duas regiões: de um lado, as Imagens, de outro, minhas fotos; de um lado, a indolência, o deslizar, o ruído, o inessencial (...); de outro, o ardente, o ferido” (‘A câmara clara’, p. 146).

As fotografias amorosas são aquelas que nos tocam, nos concernem e nos perseguem, evocando aqui um sopro da voz de Georges Didi-Huberman, ao escrever sobre aquilo que nos olha de volta no que vemos. Imagens que são, sobretudo, os corpos que carregam: o rosto do filho, o pai ausente, a mãe perdida, as mãos do amante – olhos, expressões, gestos que nos vinculam ao outro e formulam um retrato de nós mesmos.

À exemplo, Cildo Meirelles, Lygia Clark, Ligia Pape, Rosângela Rennó, Sophie Calle, Sebastião Salgado, dentre tantos mais.

O fotógrafo, para Dubois, também opera o lugar de um “assassino”, pois ele captura aquele instante e o “mata” ao congelá-lo e perpetua essa mesma “morte” para sempre ou enquanto durar aquela imagem.

A partir dessas ideias, pensamentos e referências é possível se chegar a uma narrativa que conduza este trabalho e o interesse em apresentar as propostas e **proposições poéticas** fotográficas que compõem a última parte deste.



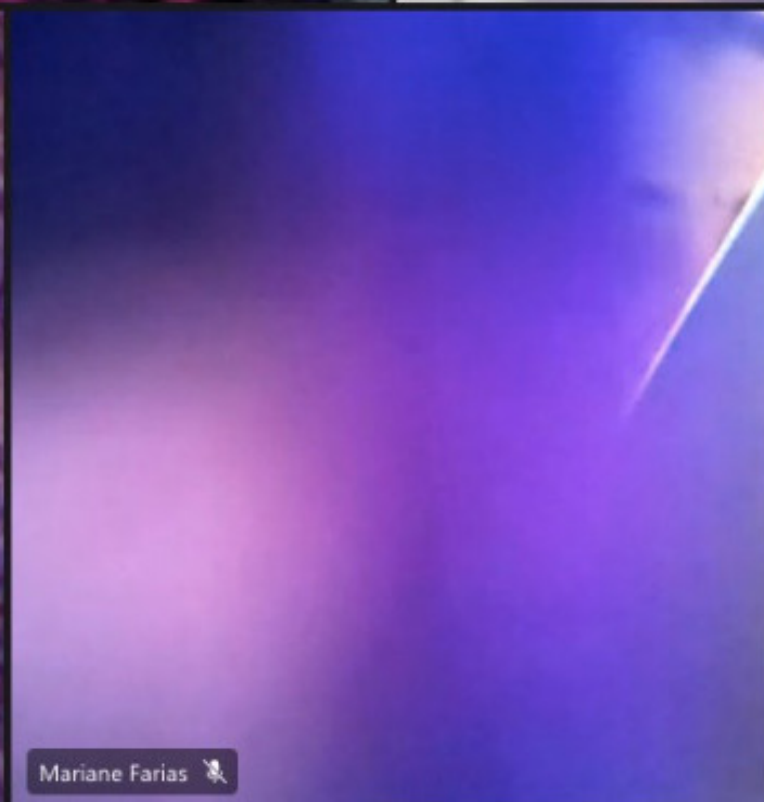
Iago Marques



Iara LgA (Convidado)



Yasmim Martins



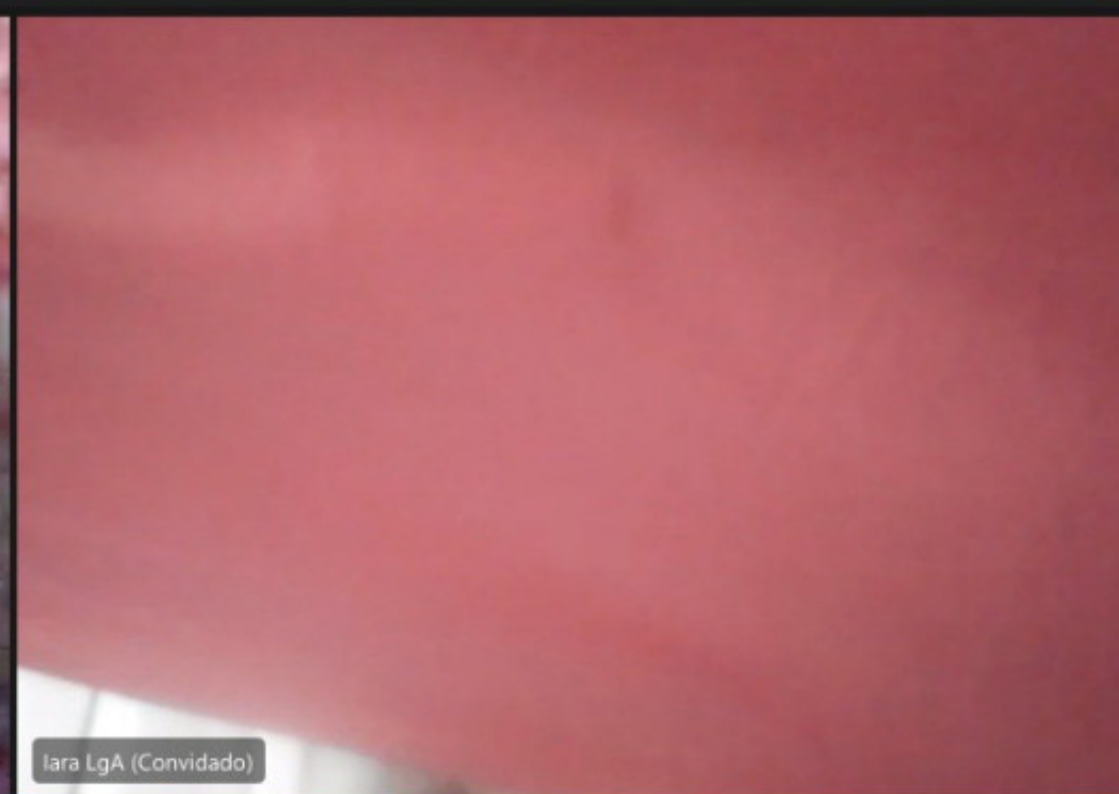
Mariane Farias



Camilla Fidelis



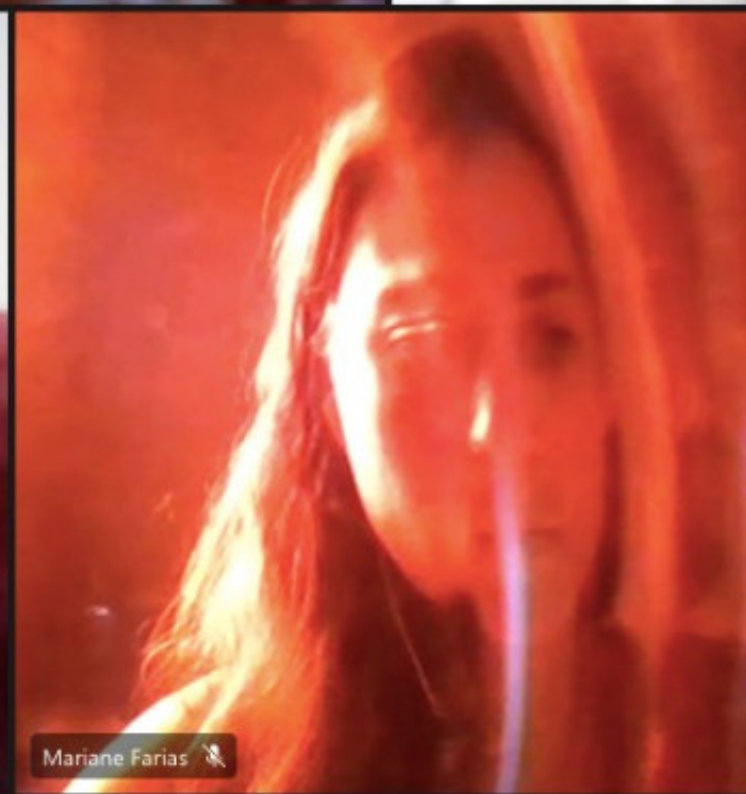
Iago Marques



Iara LgA (Convidado)



Yasmim Martins



Mariane Farias



Camilla Fidelis



Mesmo em período pandêmico, com encontros entre telas, os estágios curriculares supervisionados e o programa Residência Pedagógica trouxeram sentido à minha formação.

As crianças, quase sempre acompanhadas de seus responsáveis, estavam ali presentes, ou nem sempre. Mas o objetivo era não deixar que se perdesse o vínculo com a escola, com a educação e o processo de ensino-aprendizagem.

A energia, disposição dos educadores e abertura para ouvir os estudantes e participar das aulas foram recompensadores.



4



AL-QUÍMICOS

descobertas

práticas

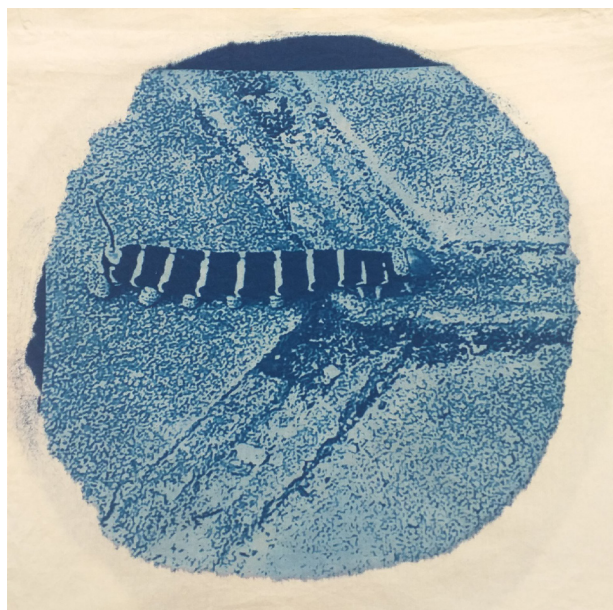
investigações

experimentações

pesquisa



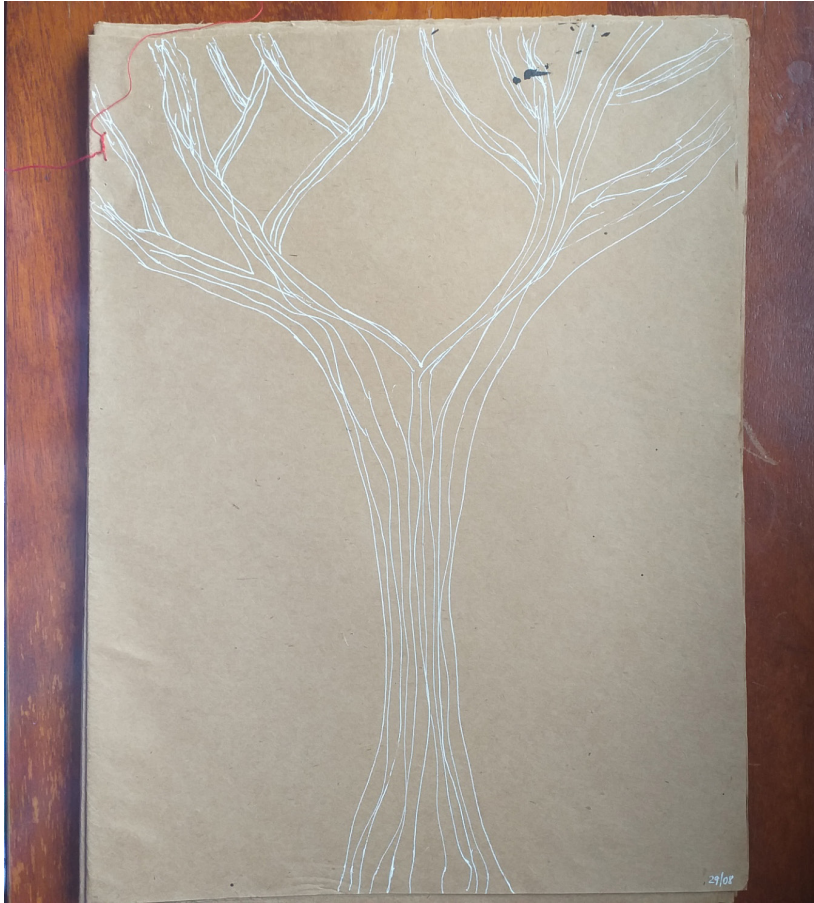
5



6



7



8



9



10

um chaveiro: muitas histórias de perdas e reencontros, costuras e remendos. sua maciez me acalmou tantas vezes, mas agora deixo em memória a companhia de toda minha vida acadêmica que como qualquer existência, mesmo inanimada, tem seu fim.



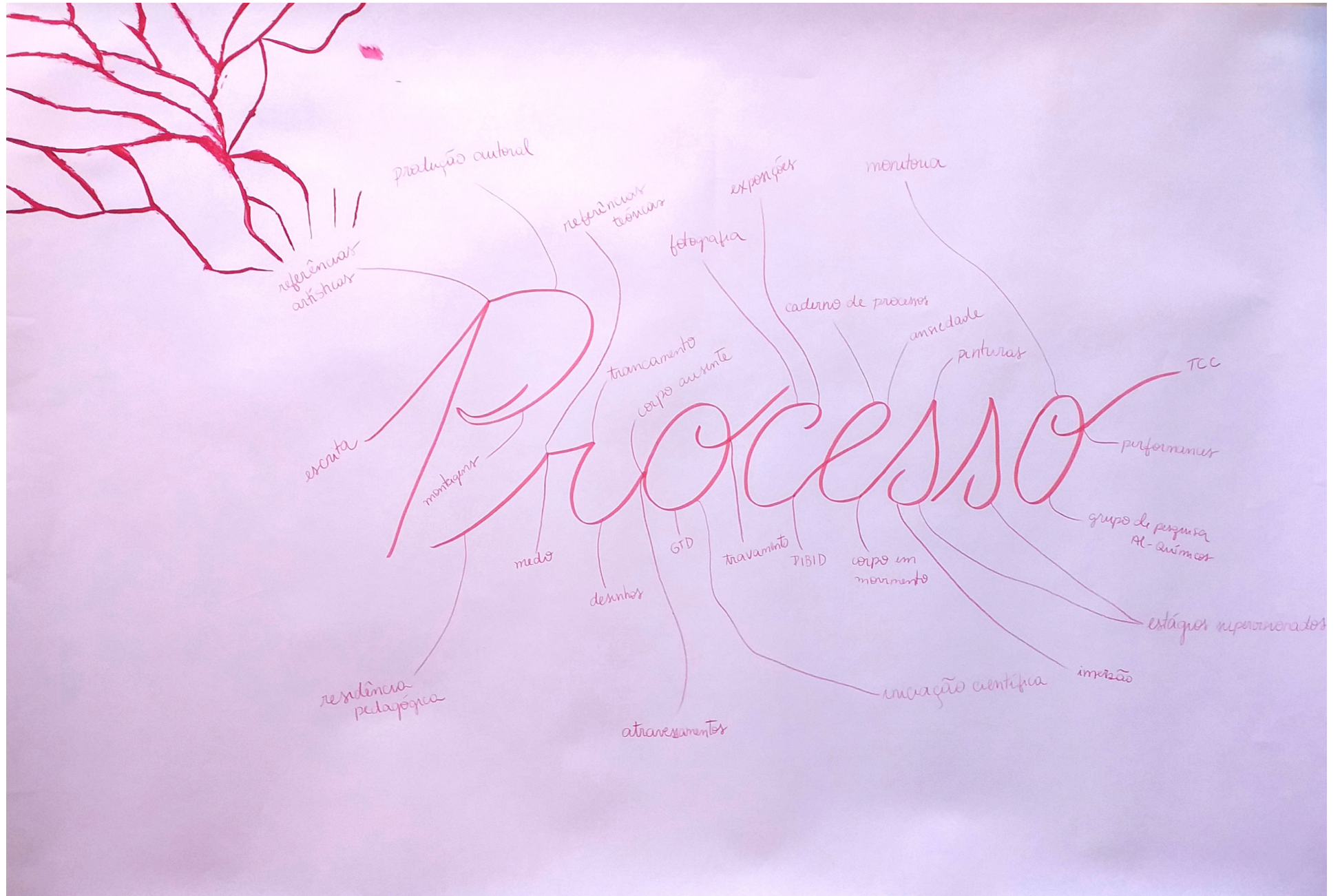
um frame de cor para olhar o mundo: filtro de papelão e papel celofane, uma experimentação de material didático na licenciatura em Artes Visuais.

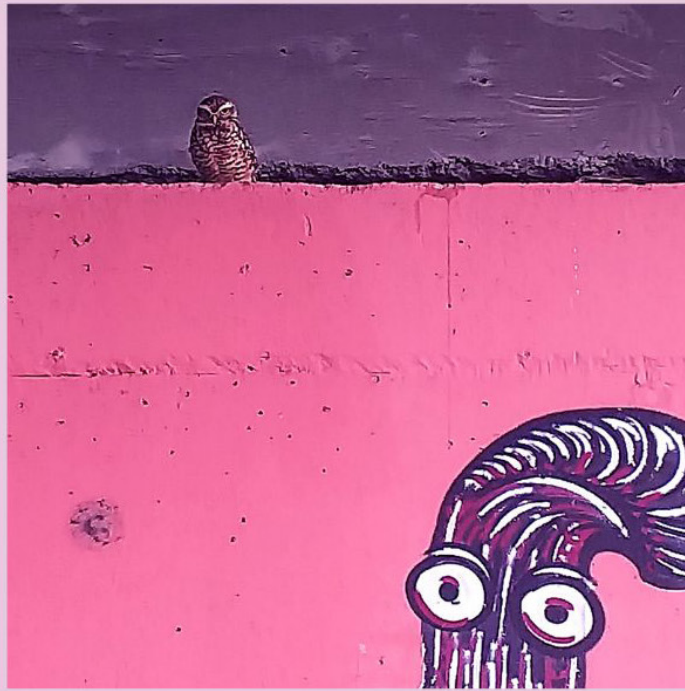


a transição entre a escola básica e a universidade: bem vinda miopia!

rotular os cadernos e dizer que há um pertencimento que, mesmo efêmero, deixa uma marca, uma recordação.

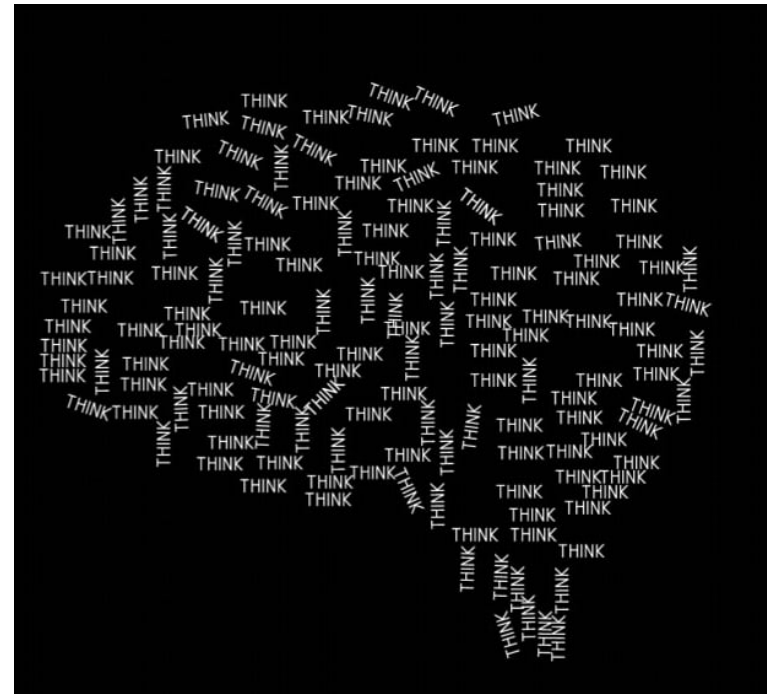








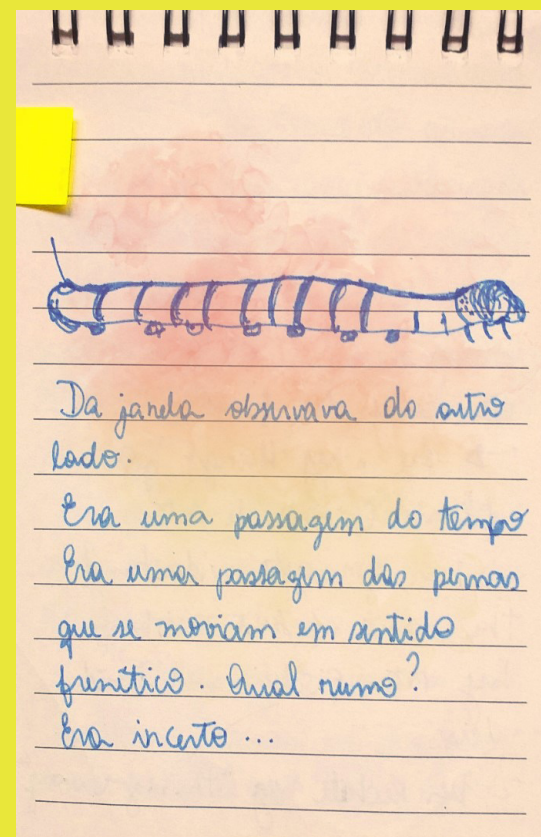
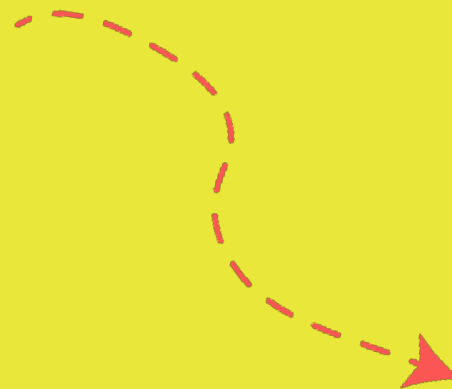
14



15



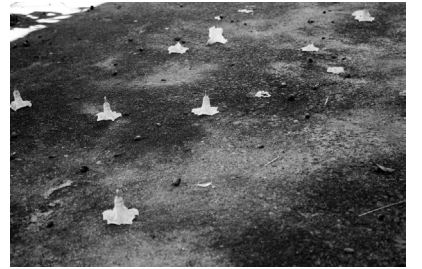
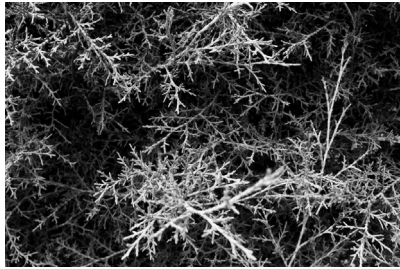
16



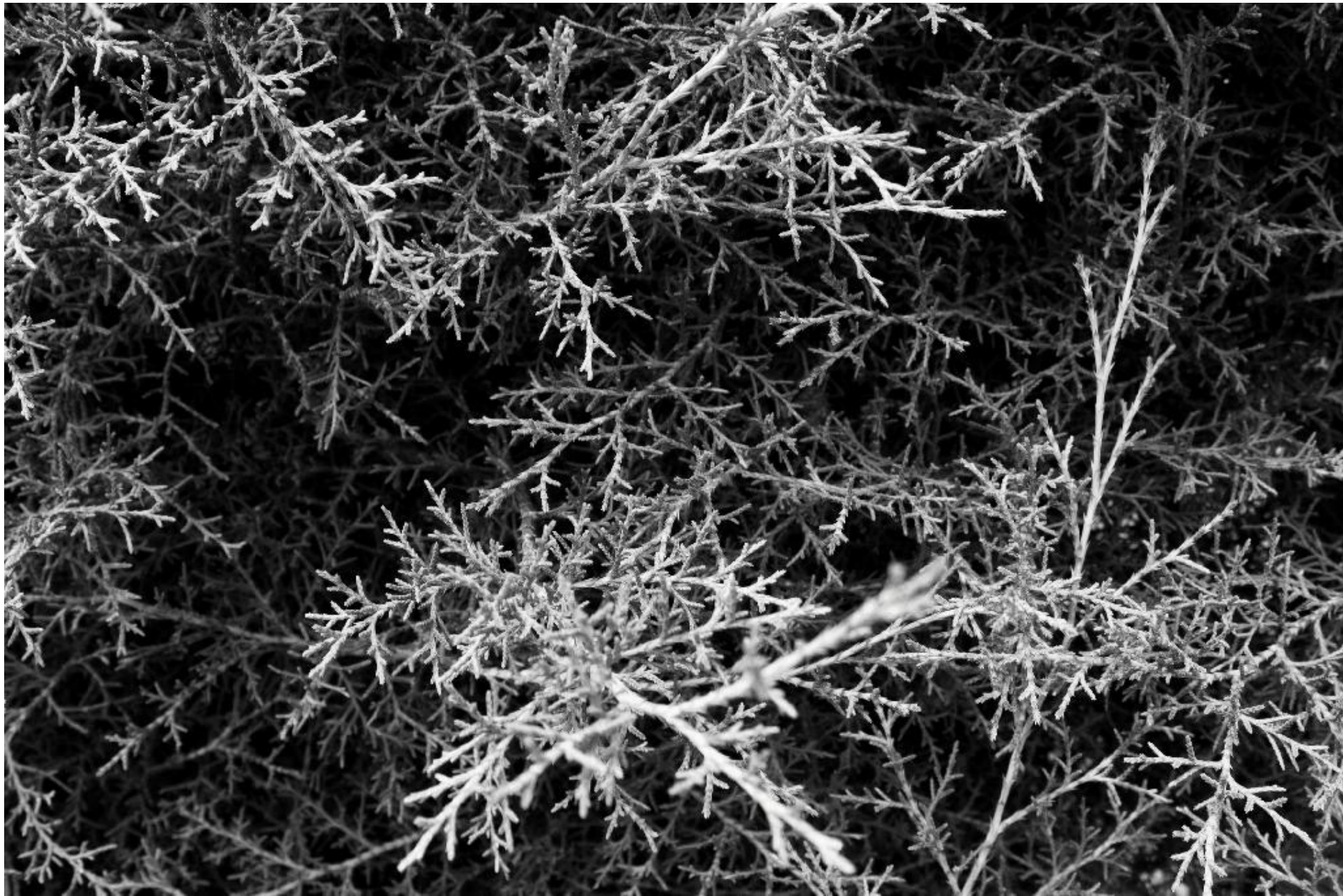
Da janela observava do outro lado.

Era uma passagem do tempo
Era uma passagem das pernas
que se moviam em sentido
frenético. Qual rumo?
Era incerto ...

17



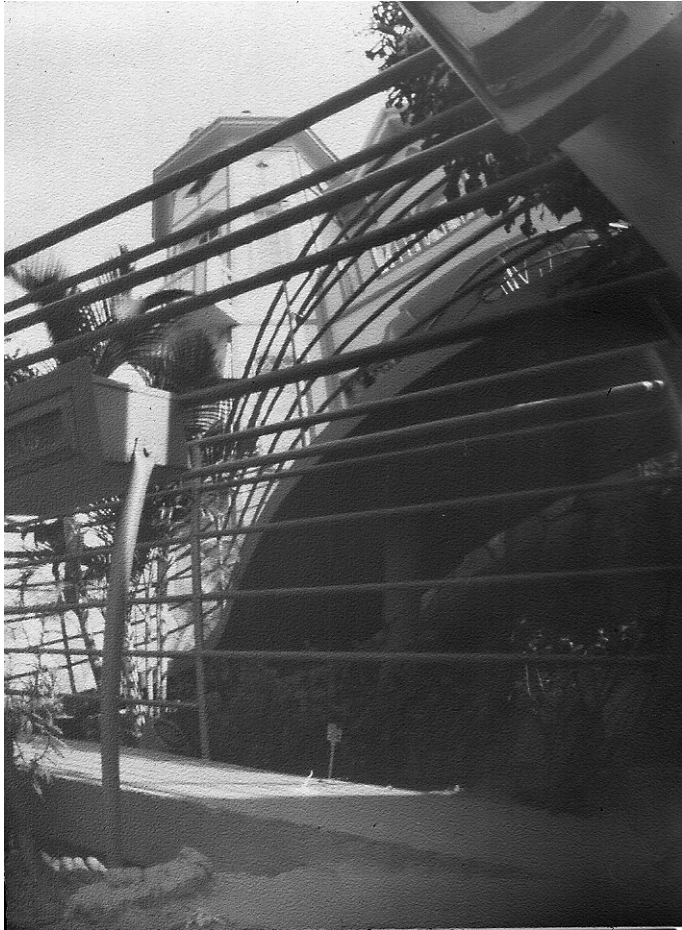












19

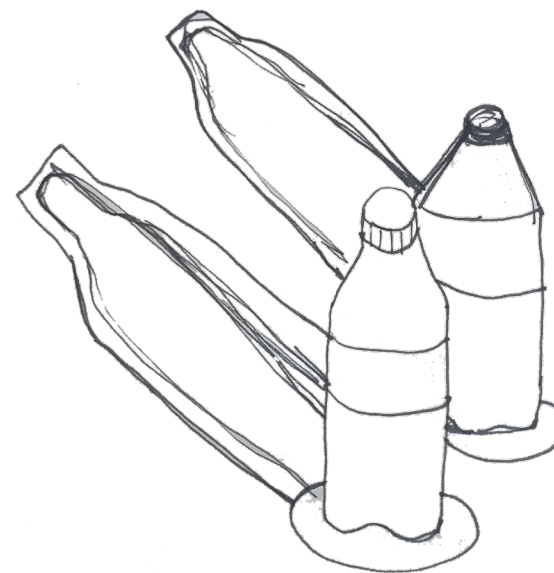




POÉTICAS

FOTOGRAFÍCAS

CONHECENDO A *LUZ* E A SOMBRA



Quando você olha ao seu redor, você percebe que alguns objetos ou até mesmo seu próprio corpo formam uma sombra?

Já se perguntou como isso acontece?

A luz, seja ela natural ou artificial, quando entra em contato com o objeto, projeta sua imagem, seu contorno, sua forma na superfície...

Isso muda de acordo com o lugar no qual a luz está.

Que tal desenharmos a sombra de objetos a sua volta?



Escolha aquele que mais lhe chamou atenção (ou pode ser uma parte do seu corpo também). Você pode usar o giz ou algo que risque, livremente.



Observe a forma e desene o contorno.



E assim, formamos a imagem!

CONSTRUINDO A SUA CÂMARA *ESCURA*

Agora que você já conhece a luz e a sombra, quero te apresentar uma **“caixa mágica”**!

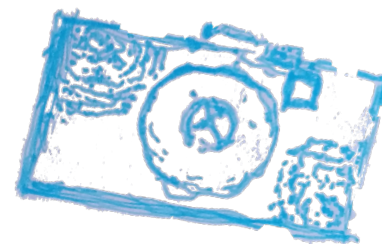
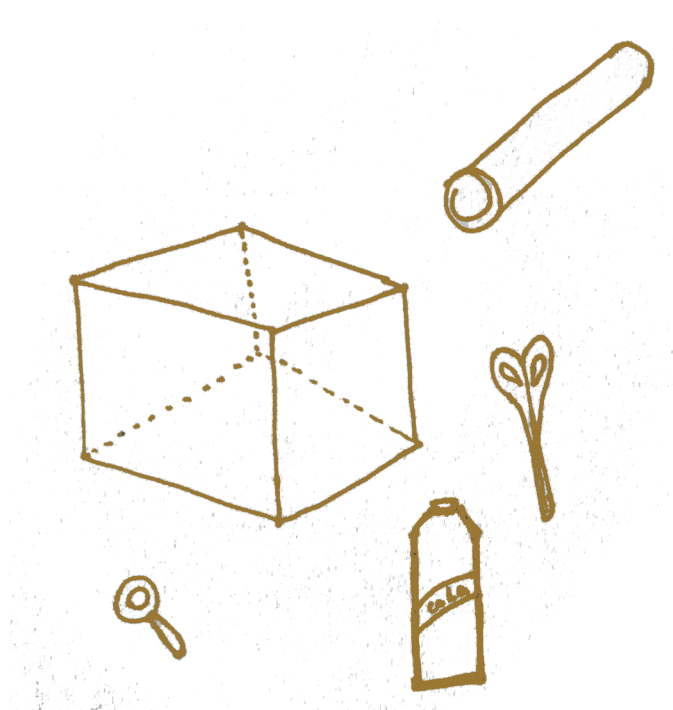
Ela tem um pequeno furinho de agulha (pinhole) por onde a luz entra e lá dentro colocamos um papel sensível à luz (num ambiente escuro) e quando destapamos o furo, a imagem é formada de cabeça pra baixo! Essa câmera parte do princípio da fotografia, Esta é a câmara obscura!



Vamos experimentar fazer nossa própria “caixa câmera”?

Precisaremos de:

uma caixa de papelão ou cartolina preta;
cola;
fita crepe;
tesoura;
lápis;
papel vegetal ou manteiga;
uma lente (pode ser uma simples lupa, por exemplo)



Recorte o papel segundo o molde e cole para que firme bem firme. Na base, vamos colocar o papel vegetal. Vamos fazer um segundo molde, um pouco maior, para cobrir o primeiro. Nele faremos uma abertura na base e quanto menor ela for, maior nitidez terá a imagem invertida formada.

O segredo para a **mágica** acontecer vem agora:

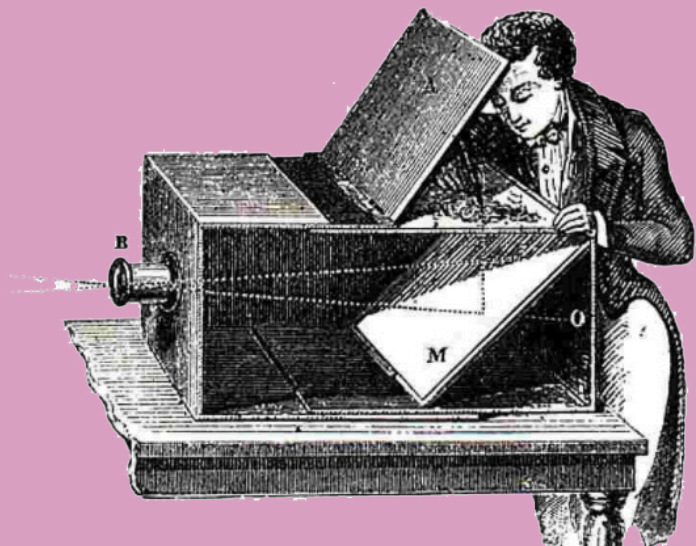
A **lente!** Ela deverá ser colada em cima da abertura da parte externa.

Pronto! Agora você já pode desbravar todas as paisagens que encontrar com luz por aí!

DESENHO E FOTOGRAFIA

A câmara escura, antes de ser fotográfica, era uma câmera muito utilizada para auxiliar nas técnicas de **desenho**, para o esboço de uma pintura mais realista.

Você poderá desenhar e entender melhor esse processo com o uso de um **espelho** como faremos a seguir:

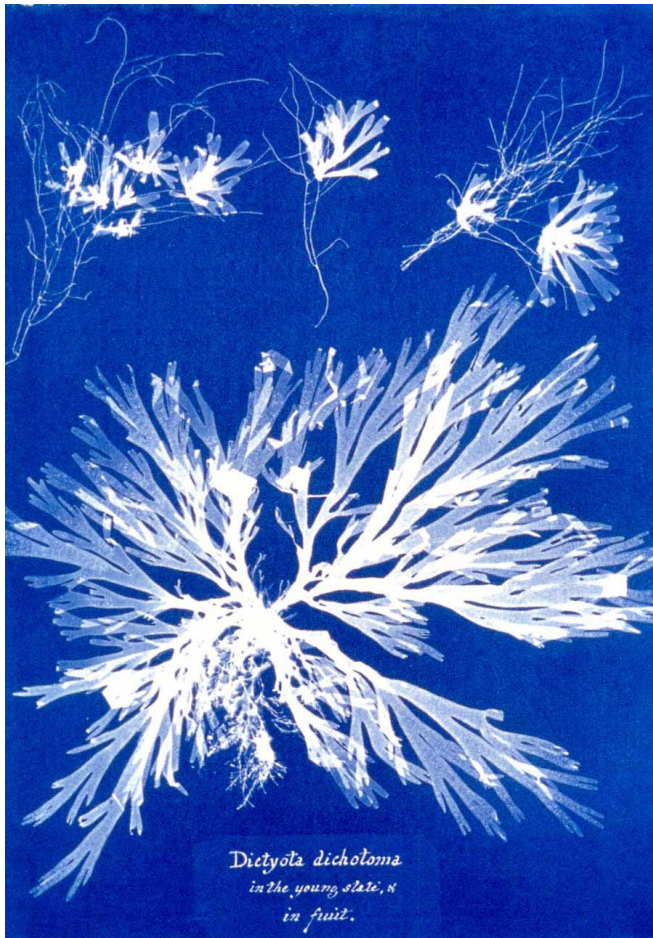


O **desenho** pode servir de inspiração para seu trabalho de fotografia, pode ser a matriz.

Vamos precisar de:

- um espelho óptico;
- uma folha de papel;
- fita crepe;
- canetas ou algo que risque para o registro.

CIANOTIPIA: O MUNDO EM AZUL



22

A cianotipia é um processo fotográfico histórico que se baseia nas propriedades fotossensíveis de alguns sais férricos (citrato férrico amoniacal e ferricianeto de potássio) para criar imagens que ficam com uma coloração em tons de azul.

Uma grande referência é o trabalho da pioneira **Anna Atkins**, que fez registros documentais botânicos em meados do século XIX, incentivando muitos artistas a produzirem cianótipos desde então.

Os objetos ou coisas impressas em cianotipia podem ter um significado simbólico e visual interessante.

Qual a **sensação** que o azul te provoca?

Pense em objetos que você gostaria de colocar para imprimir seu trabalho nessa tonalidade.

Podemos coletar folhas, flores, pequenos galhos ou objetos, até mesmo insetos que deixaram suas cascas para trás!

Para as **imagens**, vamos precisar de:

papel que aguarde ser lavado, como o canson ou vegetal, por exemplo;

um suporte firme, do tamanho ou um pouco maior que o papel, como uma placa de eucatex ou uma capa dura de um caderno velho;

pincel macio, mais achatado;

emulsão de cianótipo;

uma chapa de vidro mais ou menos do mesmo tamanho deste suporte (o suporte pode ser substituído por outra placa de vidro), 6 mm de espessura;

uma bacia, para lavar as imagens;

pregadores de roupa ou grampos, para fixar o suporte ao vidro;

barbante para estender um varal;

Luvas e avental (recomendável, mas não obrigatório);

Mas, **não se esqueça!** Tudo que você colocar por cima do papel com a emulsão fotossensível vai ficar da cor do papel! Pois o objeto irá bloquear a passagem da luz e, quando lavarmos, somente a parte que ficou sob a condição luminosa, terá reagido e tomará um aspecto azulado.

atmosfera contemplativa,
misteriosa e atemporal;

mistério e nostalgia;

textura;

estética poética e delicada;

C I A N O T I P I A

objetos quase oníricos;

contraste visual
intencional;

aparência etérea e atemporal;

simplicidade e o contraste
entre o azul e o branco do
papel;

FOTOGRAFANDO COM O CELULAR

A fotografia mais conhecida e usual nos dias atuais, certamente, é aquela você faz com seu aparelho de telefone celular, não é mesmo?

Porém, depois de conhecermos o processo de formação das imagens fotográficas em suas diversas variações, singularidades e particularidades, olhar pode estar mais atento e aberto para criar e capturar **NOVAS CENAS** e realizar suas fotos autorais.



COLAGEM

Podemos fazer uma miscelânea de elementos entre o desenho, a fotografia, pintura, palavra ou quem sabe também objetos e formas **tridimensionais** no espaço. Ocupemos nosso suporte aqui com a criatividade, a exemplo de:

REFERÊNCIAS

¹ BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. 114 p. (Saraiva de Bolso; 97). ISBN 9788520931486 (broch.), p.18

² Idem, p. 18

³ CAPUTO, Stela Guedes. *Fotografia e Pesquisa em diálogo sobre o olhar e a construção do objeto*. TEIAS: Rio de Janeiro, ano 2, nº 4. 2001, p. 9

SONTAG, Susan. *Ensaio sobre a fotografia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Arbor, 1983. 198p. (Coleção sobre fotografia; 1).

HARING, Keith; FRANCA NETO, Alípio Correia de. *O livro da Nina para guardar pequenas coisas*. São Paulo: Cosac Naify, 2010. [70] p. ISBN 9788575038888 (enc.).

MAPA DE IMAGENS

1. Registro de equipamento. Fotografia digital. Acervo da artista. 2023.

2. Retrato em Marrom de Van Dyke. Cleber Falieri. Acervo da artista. 2023.

3. Caderno de processos. Acervo pessoal da artista. 2023.

4. Oficina “Dados de Dadá”. Material didático de Laboratório de Licenciatura. 2017. Acervo da artista. 2017.

5. 6. 7. Cianotipia sobre tecido. Acervo da artista. 2022.

8. Desenho sobre craft. Acervo da artista. 2016.

9. Cianotipia sobre papel offset. Acervo da artista. 2022.

10. Serigrafia a partir de frotagem. Acervo da artista. 2022.

11. Memória em Vermelho. Objetos colecionáveis de afeto. Acervo da artista. 2022.

12. Processos e seus desdobramentos. Acervo pessoal da artista. 2022.

13. A coruja. Fotografia digital com smartphone. Acervo da artista. 2022.

14. Colagem e técnica mista. Acervo da artista. 2016.

15. THINK. Arte digital. Acervo da artista. 2019.

16. A lagarta. Fotografia digital com smartphone. Acervo da artista. 2019.

17. Desenho e poema da lagarta. Acervo da artista. 2019.

18. "O não-lugar". Trabalho exposto na Deriva XII em 2018. Acervo da artista.

19. Fotografias Pinhole. Acervo da artista. 2022.

20. Fotografia digital com smartphone. Acervo da artista. Brasília, 2016.

21. Imagem disponível em <https://br.pinterest.com/pin/242983342376165782/>

22. Trabalho de cianotipia de Anna Hatkins disponível em <https://mujeresconciencia.com/2019/04/23/anna-atkins-creativa-cientifica-del-siglo-xix-que-vinculo-la-botanica-y-la-fotografia/>



